

Primeiro quero agradecer o convite do Luiz Lerro. Nós tivemos um contato no início da Pandemia, numa outra atividade que ele estava coordenando, e foi superinteressante. Eu estou muito feliz de poder estar aqui hoje e compartilhar acontecimentos desse período pandêmico, alguns que realmente transformaram o meu modo de pensar, de fazer e de ser. E continuam se desdobrando na minha prática docente e artística, enquanto pesquisadora.

Eu sou uma pessoa, sou mãe, sou artista, professora e pesquisadora. A minha arte matricial é a dança, mas hoje me reconheço em outras linguagens da arte, ainda que de forma muito empírica e experimental. Eu tenho me aproximado muito das artes visuais, da performance, da instalação e do vídeo. Já tinha uma experiência antes da Pandemia com vídeo-dança e esse contato com o áudio visual acabou se aprofundando, de certa forma, nesse período. Eu já andei cultivando o desejo de, quando eu crescer, ser documentarista. Enfim, eu não sei, vamos ver. Eu tenho experimentado umas coisas.

Sou bailaora, apaixonada pela dança flamenca. Tive uma formação da minha vida bem mesclada, passando pelo clássico, pela dança moderna e fiz, na minha formação acadêmica, meus estudos a partir do pensamento contemporâneo em dança. Prefiro chamar assim, ao invés de dança contemporânea, porque na minha perspectiva, não se trata de um gênero, mas de um modo de pensar e fazer a dança. E esse modo de fazer e pensar a dança, ao longo dos meus estudos, foi contaminando tudo o que eu faço, me conduzindo a uma proposição teórico-prática, de uma práxis, que eu chamo de dança imanente.

E essa dança imanente que é, na minha perspectiva, um modo de pensar e fazer dança a partir do corpo que dança. Entendendo que a dança não preexiste ao corpo, ela só existe a partir da existência do corpo. Entendendo, também que, qualquer coisa pode vir a ser dança, assim como todo corpo pode dançar. Fiz mestrado e doutorado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Artes Cênicas e, depois, fiz um pós-doutorado na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), também nas Artes Cênicas. Então, a partir dessa minha formação, tenho me dedicado a perseguir esse ideal - eu não vejo de uma forma romântica a palavra ideal nesse contexto, mas sim como um desafio de vida, de existência - de proporcionar a dança às pessoas. Fazer com que as pessoas se sintam dançantes.

Durante a minha formação, na minha passagem pelo ballet clássico - hoje eu já acho que talvez tenha sido mais por minha própria responsabilidade do que dos professores, eles não tem culpa de nada - coloquei-me num lugar de muita rigidez, de uma dada formatação, de uma necessidade de enquadramento num padrão que me deixou um pouco desconfortável, ao ponto de me perguntar: "- Nossa, será que eu nasci mesmo para a dança?". A partir desse questionamento que minha teoria e prática começou a ser construída, sempre acreditando que a dança é possível para qualquer corpo. É isso que eu persigo na minha vida.

1 Transcrição da fala KUNDALINI proferida no evento virtual Poéticas artístico-pedagógicas na web, módulo 1: Corpos Encorpam, no dia 17 de junho de 2022, via plataforma zoom. A mediação foi feita pelo professor Luiz Daniel Lerro da UNIR.

2 Ana Flávia Mendes é artista-professora-pesquisadora, doutora e mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e pós-doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Graduada em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará. É professora efetiva da Universidade Federal do Pará (Instituto de Ciências da Arte/ Escola de Teatro e Dança/ Programa de Pós-graduação em Artes). Coordena o Grupo de pesquisa Corpo Cênico - Laboratório de Dissecção Artística. É autora dos livros Gesto Transfigurado, Dança Imanente e A dança imanente no ensino e criação em artes cênicas; organizadora dos livros Abordagens Criativas na Cena e Ensaios de uma Companhia (Pós)Moderno de Dança.

[O vídeo trava um pouco]...Eu estava em um momento da minha vida, da minha existência, de muitas transformações na vida pessoal, assim como na profissional, porque está tudo muito conectado. No dia em que foi anunciado o primeiro caso de Covid19 aqui na cidade de Belém, eu me mudei. Ficamos eu e meu filho, só nos dois. Naquela época ele tinha cinco anos. Foi um caos [risos] porque nos mudamos cheios de expectativas por uma vida nova, enfim, tudo mudando depois de uma separação. Nós dois nos instalamos e ficamos trancados em casa. Juntou tudo, a coisa da maternidade, ele em aulas online e eu ministrando aulas também online. E foi um caos, mas sobrevivemos. Estamos sobrevivendo e criando com todas essas diferenças que começaram a surgir na nossa vida.

Logo no início da Pandemia, uma das estratégias de sobrevivência, como artista, que eu realizei, foi fazer vídeos aleatórios pela casa. Foi também uma forma de me apropriar desse novo espaço no qual eu havia me mudado. Essa nova casa, essa nova vida. Esses vários vídeos aleatórios eram compartilhados em redes sociais. Pedia para meus amigos e outras pessoas, sugestões de músicas, temas e assim, fui criando. Aos poucos, isso foi se transformando numa pesquisa.

Em 2010, eu tive um projeto de pesquisa em vídeo-dança, em que eu discutia o pensamento da dança imanente aplicado em um contexto da criação em vídeo dança. Nesse período, eu já tratava a relação entre a vida e o vídeo, sendo essa a minha liga, como a gente diz. Então, nessa questão de experimentar e ficar retomando os vídeos em casa – ainda de uma forma extremamente amadora e sem nenhum preceito - começou a surgir um novo projeto. E esse projeto eu não consegui desvincular, mais uma vez, da minha própria condição existencial. Na época, eu estava profundamente mergulhada na psicanálise como paciente de terapia psicanalítica. Muito envolvida na transferência, como diz o conceito da psicanálise, e comecei a puxar a teoria psicanalítica também para conversar. Já vinha de uma relação muito próxima, mas também um pouco cansada com a filosofia porque nessa tensão entre arte e filosofia, briguei sempre para não permitir que a filosofia tomasse o protagonismo da arte na minha teorização. Essa coisa que a gente vive, não é?

Então, nesse processo, chega a psicanálise, mais um dado para tensionar a construção desse fazer e pensar. Aí comecei a fazer um curso de formação em psicanálise – hoje estou afastada do curso porque eu entrei em crise, não propriamente com a teoria psicanalítica, mas com a escola de formação. Eu acho que a escola tem uma visão muito fechada, se diferenciando da clínica que vivenciei enquanto paciente. Quando fui paciente a clínica era extremamente criativa e criadora. Lembro de uma das frases mais emblemáticas que eu escutei da minha psicanalista: “- Produza desejos!”. E, esse produzir desejo foi o que me levou também a construir esse projeto que eu chamei de Kundalini, que vou compartilhar algumas coisas dele aqui, já, já.

Nesse projeto, Kundalini, eu acabei articulando com a psicanálise, mas também com um referencial espiritualista do Tantra, porque também no contexto pandêmico, eu embarquei na onda das meditações. E, dentro do universo das meditações, cheguei na meditação dinâmica do Tantra, que é algo que eu, quando vivenciei, achei muito parecido com o que faço na minha práxis em dança imanente, que eu chamo de laboratório de dissecação artística do corpo. Esse laboratório a gente tinha referência de vários lugares, inclusive da educação somática. Por isso achei muito interessante a abordagem da professora Yara dos Santos (UEA) [que apresentou seu pensamento antes da fala de Ana Flávia], já que, no início da construção do laboratório de dissecação artística, havia uma aproximação com o pensamento somático, mas não o compromisso com uma determinada abordagem da educação somática. Então, achei muito legal ela [Yara dos Santos] colocar essa questão, pois me identifiquei.

No laboratório de dissecação artística do corpo são desenvolvidas experiências a partir da improvisação em dança, agenciando com diferentes referenciais, e chegou na meditação dinâmica. Eu percebi a semelhança

não só com os processos de improvisação em dança, mas também com a clínica psicanalítica, na medida em que, a clínica explora a fala em um modo operacional que Freud chama de associação livre. E, essa associação livre nada mais é do que deixar fluir a fala para que elementos do inconsciente surjam e vão sendo capturados e desenvolvidos. Nesse processo, pode, enfim, surgir algo a partir da imersão desses elementos, desses conteúdos do inconsciente, por meio na fala. E, comecei a perceber que havia muita proximidade entre a fala, na psicanálise, o movimento na meditação dinâmica, e a experimentação, a experiência da percepção do corpo no laboratório de dissecação artística. Aí fiquei transitando entre a dança, o Tantra e a psicanálise, nessa articulação. Tudo isso, a princípio, como estratégia de autossobrevivência.

Diante das condições do ensino remoto, começou a surgir uma demanda, principalmente das alunas, mulheres, mães, em grande parte mães solo, não exclusivamente, mas em grande parte mulheres que estavam em condição semelhante à minha: o conflito de maternidade, ensino remoto e pandemia. Acabou surgindo essa demanda e eu comecei a compartilhar com essas mulheres as experiências que vinha propondo para mim mesma aqui dentro da minha casa. Então, começou a acontecer encontros que eu chamei “grupo das mulheres Kundalini”, e que foram encontros tanto teóricos quanto práticos. A gente conseguiu fazer um encontro presencial, os outros foram todos no sistema remoto, permitindo que a fala permeasse muito fortemente a nossa abordagem.

Nessa experiência acabaram surgindo vários produtos poéticos: dramaturgia, trilha sonora, ensaio fotográfico, vídeo-dança média-metragem que eu fiz solo e vídeo documentário em média-metragem<sup>3</sup> com as mulheres. Então, foi uma produção de desejos, uma grande explosão de produção!

Hoje, um pouco mais calma, um pouco mais aterrada, essa Kundalini um pouco mais trabalhada, no sentido de que ela nos desperta, de uma forma, não consciente, nem racional, mas de uma forma mais elaborada. Ela estava muito descompensada no período, até porque, preciso dar um dado é importante: nas meditações dinâmicas tântricas, ao contrário do que se pensa, a ideia não é trabalhar com o equilíbrio dos chacras, mas com a ativação deles. Então, a ideia é desestabilizar e, deixar que corpo desestabilizado, diga suas inquietações, seus desconfortos, sua demanda e também, do seu prazer, da sua energia de vida. Kundalini é o nome que é dado a partir da lógica da cultura indiana, uma palavra de origem indiana que é a energia sexual, vital e criativa.

Então, hoje, mais calma, estou tentando observar o que fizemos. A questão da espiritualidade que sempre teve por ali rondando a minha investigação em dança imanente, na medida em que o corpo na dança imanente é fisicalidade, mas há espiritualidade na fisicalidade. Não é algo cuja transcendência esteja fora. O transcendental está dentro. Como também fala Spinoza, um dos meus referenciais na filosofia de corpo. Então, o tantra veio trazer a espiritualidade na fisicalidade, elemento muito importante na minha pesquisa. Hoje, esses conceitos estão ainda mais fortes, na medida que eu já começo a pensar qualquer coisa ou fazer da vida, tem essa potência de espiritualidade.

Eu tenho me interessado por investigar a minha relação com a minha vida doméstica, porque nesse período da Pandemia eu descobri que amo ser dona de casa. Eu amo lavar louça, aquele momento de ter a pia. Ter/a/pia. Para mim é um momento muito importante. E acho que tudo que eu produzo na minha vida doméstica, tem uma potência poética. Quando eu falo da espiritualidade, acho que está muito no lugar da poética também. Tenho olhado muito para isso, como algo que eu acredito que precise, que mereça uma visibilidade no meu fazer artístico, pedagógico, de pesquisa e de investigação.

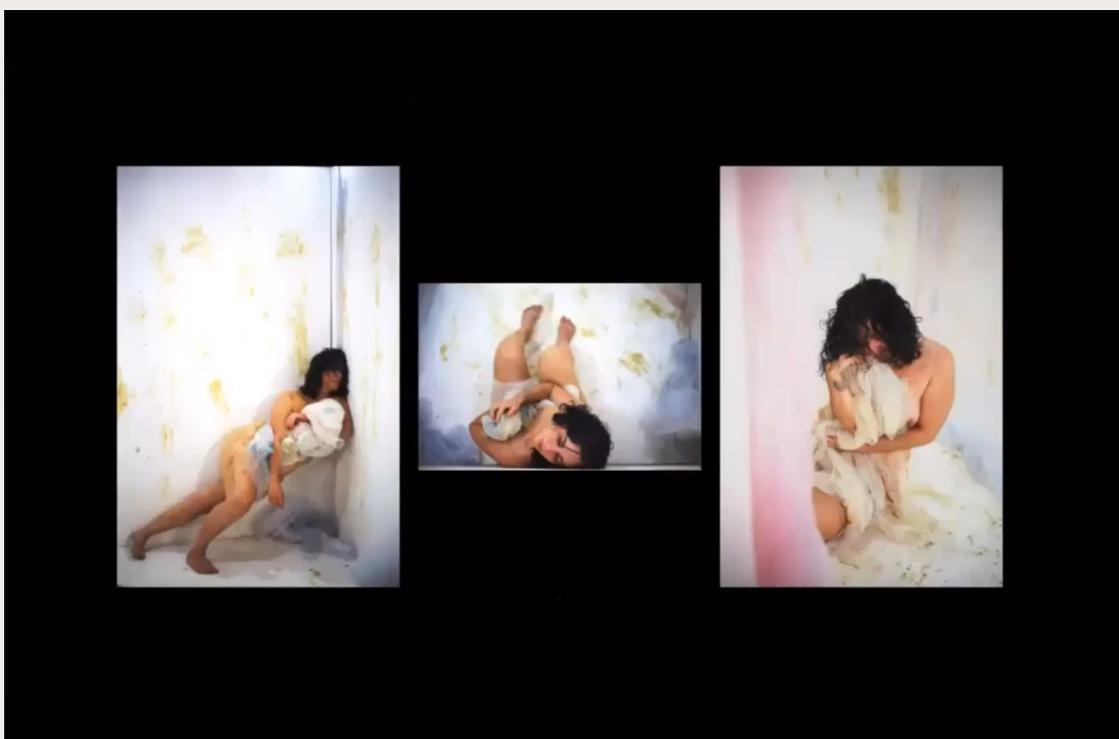
A minha ideia é ir para esse lugar com um olhar mais atento para esse lugar e produzir conhecimento

<sup>3</sup> Acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=qN4rGpoPpEI&t=125s>

com esses elementos: levar minha vida de dona de casa para a academia, para dar visibilidade a ela nesse espaço. Quando os filhos, não é Yara [falando com a professora que fez a fala antes], entram em cena no momento da aula. O meu está aqui! Hoje está mais tranquilo, mas foi uma jornada ele participar das aulas online. Então, eu acho que tudo isso está pedindo um espaço de produção poética na minha vida. Agora, eu gostaria de compartilhar com vocês um pouco da produção do projeto Kundalini. Deixa-me ver se consigo acertar o compartilhamento. E vocês me digam se está tudo certo, porque eu acho que não consigo [a professora testa o compartilhamento e verifica os problemas que estão impedindo o compartilhamento]. “- Está aparecendo a minha tela?” [Compartilha slides do projeto Kundalini]

Pois é, Kundalini, essa foi a logo que eu consegui criar [mostra o slide com a logo do projeto] para esse projeto. Eu vou compartilhar com vocês algumas imagens desse ensaio fotográfico que foi feito. Eu vou colocar no chat [do zoom] os links para os vídeos que estão no Youtube, no canal da Escola de Teatro e Dança da UFPA<sup>4</sup>.

Figura 1: Projeto Kundalini



Fonte: print da tela

E essas fotos foram feitas por uma fotógrafa chamada Daniele Cascais, que é aqui de Belém. A fotografia é algo muito caro para minha pesquisa de construção de corpo, pois costumo usar a fotografia para compreender o processo de construção do corpo cênico. Há alguns anos eu comecei a trabalhar com fotografias com outro fotógrafo, Gui Veloso, que tem uma pesquisa voltada para a espiritualidade. Ele pesquisa, geralmente, festas religiosas, terreiros e sempre traz um olhar sobre o corpo articulado aos referenciais do sagrado e da ancestralidade desse corpo.

Quando eu comecei a trabalhar com Gui Veloso e depois dando continuidade ao trabalho com Daniele Cascais, fui tentando agregar esse olhar do fotógrafo à construção do corpo. Então, é sempre um processo contínuo em que eu me entrego à experiência de investigar, experimentando o corpo, levando para a cena e a fotógrafa captura. Depois a fotógrafa me devolve a experiência em imagens e essas imagens

<sup>4</sup> Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=JlncdEUNvdo&t=60s>

retornam à investigação. E fica nesse fluxo. O trabalho com a fotografia ele é muito especial.

Uma outra coisa que eu gostaria de compartilhar, só um minuto, é alguns trechos da dramaturgia que eu escrevi. É engraçado porque, no final das contas, quando eu acabei fazendo o vídeo-dança, a dramaturgia explodiu, ou melhor, explodiu com a dramaturgia. A dramaturgia existe como uma referência para a construção do filme, mas não é exatamente o filme. Eu gostaria de ler algumas coisas com vocês, para compartilhar o que se passou nesse corpo diante de tantas velocidades que o atravessaram. Lê:

“Imprevisível sequência de atos, entre instâncias ora encobertas, ora reveladas, recortadas no corpo, incisão. Repartição, repetição que convoca outra vez. Resiste, transfere, investe. Todo dia em micro passos. Ser”.

“Histeria afundada no útero, grita célula, pulsão ovariana. A gerar vidas outras. Na alma, corpo, mulher. Serpente, acorda! e dança. Translúcida, transparência tingida de cores paridas na pele couro, placenta. De dois ou mais. Fusão impossível. Fantasia a deglutir os restos do eu-tu pós-parto. Parto. E regresso. Renasço. No corte do cordão, Shiva inscreve escritura sagrada. Lei divina de tótems e tabus que falam em mim. O vazio preenchido em cores, nome do pai que rasga o verbo e instaura o amor. Perdido no adeus, a Shakti abandona”.

“Em útero oco, espaço, criação. Cria, criança. Verdade a pulsar sob a luz da ausência. Pulso existência em meu duplo ser, completo-me de ausência fálica, e falo. Falo, falo e falo. Falo em mim e crio vida. Mais e mais existir até que todos os espaços sejam sentir e então ilumina. Sou luz, do meu centro desperto ao topo da cabeça e para todas as extremidades de mim. Aterro-me em ascensão e tudo é corpo. Deus é corpo. Sem cavalo, sem rédeas. Sem intermediários. Faço-me divindade serpenteante, ofuscante luz selvagem. O cheiro de café exala e ressuscita a sujeita repartida. Reintegro Shakti e Shiva. Cromossomos em peças, e montam um quebra-cabeça elefante-cria, Ganesha em nós. Cobra de asas, extravaso a coroa em transcendente imanência. E alço um voo tão alto quanto o infinito estelar. Despeço-me de cada resto, de cada centímetro e adentro nos mais íntimos dos vãos eu-mulher. Rastejo sorrateiramente, minha sinuosidade desvia os predadores. Instintivamente sobrevivo. Preenchida em falante serpente. Materno em mim a fêmea solitária. Sem falo sou toda fálica. E em nome do pai sou mãe que fala a iluminar um filho, humano, gesto, criação”.

Esses são alguns trechos, mais poéticos dessa dramaturgia que foi um dos produtos gerados durante a realização desse projeto. É curioso, eu acho também que isso fala um pouco ... Hoje eu tenho me questionado: “- Por que eu fui lá para a Índia? Mas, eu acho que cada vez mais, eu mergulho em um processo. Para o meu processo anterior ao Kundalini, eu trabalhei com arquétipo de uma cigana da Umbanda, que é a cigana Esmeralda. E após, ou durante, eu não sei, durante ao processo do Kundalini, eu descobri coisas sobre a minha ancestralidade indígena. Interessante a Yara ter citado isso também em sua fala.

Cada vez que eu faço um trabalho, eu acesso algum aspecto da minha ancestralidade. E, penso que, o Kundalini me ensina um pouco sobre a liberdade de acessar esses lugares da ancestralidade, de me apropriar dessa ancestralidade. E, principalmente, de perceber a força dela ancestralidade na banalidade do cotidiano, que é o que eu estou focando agora: no lavar a louça, mas eu estou ali, estou com a Esmeralda, estou com a minha etnia Tembé, da minha bisavó. Enfim, estou com todos e do que mais vier. Tentando estar sempre atenta às essas conexões possíveis. Eu acho que somos isso. Claro que há momentos de muita esquizofrenia. E, aí também retorno à clínica psicanalítica, mas que talvez não seja tão freudiana, ou pelo menos na perspectiva em que Freud é lido nesses cursos, nas escolas de formação de psicanalistas. Retorno, também, ao meu referencial da Filosofia, que vai mais próximo de Deleuze, Guattari, dessa filosofia pós-estruturalista, que também fala de uma outra clínica.

Eu tenho percorrido muito esses lugares, mas sempre com esse desejo, essa inclinação de não perder a arte como a minha língua. Qual é a minha língua? Que língua eu falo, afinal de contas? A gente dizendo tudo isso, mas a arte é que fala. Então, eu acho que é isso. Era o que eu queria comunicar e agora, quero ouvir as pessoas. Acho que é muito importante ouvir também. Obrigada, mais uma vez.

## REFERÊNCIAS

KUNDALINI. 2022. (22 min). Videodança. Média-Metragem. Disponível no canal Escola de Teatro e Dança da UFPA. <https://www.youtube.com/watch?v=JlncdEUNvdo&rc=1>. Acesso em 2024.